

## RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

MEDEROS MARTÍN, Alfredo; MAIER ALLENDE, Jorge; JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2023) – *La necrópolis orientalizante de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla): los trabajos de Jorge Bonsor (1896-1911)*, Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla (Spal Monografías Arqueología L), 938 pp., ISBN 978-84-472-2518-7.

[http://doi.org/10.14195/1647-8657\\_64\\_09](http://doi.org/10.14195/1647-8657_64_09)

Entre 1898 e 1911, e com particular incidência nos anos de 1900 a 1905, Jorge Bonsor (1855-1930) desenvolveu campanhas de escavação na necrópole de Cruz del Negro (Carmona, Sevilha), casualmente descoberta em 1870 em virtude das obras de construção do caminho de ferro Carmona-Guadajoz. Antes de Bonsor, esta importante necrópole tinha sido alvo de trabalhos pontuais (1895) e em anos muito mais recentes (1989-1990 e até 1997) voltaria a sofrer intervenções de emergência, com metodologia rigorosa, na sequência da remoção ilegal de terras. Ao longo destas décadas, vicissitudes várias levaram à amputação de cerca de 44% da área da necrópole (27% destruída nos anos de 1870, equivalendo a cerca de 1000 m<sup>2</sup>, e 17% em 1989). Esta estimativa, proposta por J. Jiménez Ávila e A. Mederos Martín num dos capítulos do livro, baseia-se, designadamente, na sugestiva planta da área da necrópole (p. 97), esta elaborada pela equipa responsável da intervenção de finais do século XX com coordenação de F. Amores Carredano.

Por sua vez, das intervenções mais antigas resultou a dispersão do espólio, prática que para finais de Oitocentos e para as décadas iniciais do século XX não surpreende, não sendo, porém, tão frequente assim a sua repartição entre continentes. Com efeito, os materiais encontram-se na “Hispanic Society of America” de Nova Iorque, a quem Bonsor tinha vendido parte da sua coleção, na “Casa Museo Bonsor”, em Mairena del Alcor (Carmona) e no “Museo Arqueológico hispalense”, em Sevilha; os fundos documentais reuniram-se no “Archivo General de Andalucía”, também em Sevilha.

Esta obra faz a triangulação perfeita, e possível, entre uma leitura arquivística e sistematizada de ínole historiográfica, uma minuciosa análise interpretativa dos contextos funerários e um exaustivo estudo dos materiais. É certo que tudo isto condicionado pelos seus avatares; mas, uma vez mais, ficou demonstrada a inigualável pertinência do estudo de coleções históricas quando efetuado com mestria.

Assim, este livro é também um exercício de construção de memória, em dois planos: o do legado de Bonsor, retratando um certo modo de se fazer arqueologia, uma arqueologia “de época”; e o das memórias da comunidade da Carmona proto-histórica face ao desafio e inquietude da morte. Habitando um núcleo a cerca de 1,5 km a norte do discreto, mas amplo espaço funerário (este, além de outros na envolvência, como a necrópole de Camino de Gandul), a população aí cultuou os seus mortos (homens, mulheres e crianças) entre meados do século VIII a.C. e o século VI a.C.

O livro, que é o volume 50 da Série SPAL Monografias do Departamento de Prehistoria y Arqueología da Universidade de Sevilha (garante de qualidade editorial e gráfica da obra), reúne então o riquíssimo acervo (material, documental e gráfico) disperso fisicamente e com vários milhares de quilómetros de distância entre si, mas agora integrado a nível científico. Só por si, a revelação de muitos desses dados, que se mantinham totalmente inéditos, coloca o livro escrito por Alfredo Mederos Martín, Jorge Maier Allende e Javier Jiménez Ávila entre os imprescindíveis no estudo do mundo funerário da I Idade do Ferro da Andaluzia e Sudoeste Peninsular. Alicerçado numa sólida e demorada pesquisa, interessa a especialistas, pela profundidade com que os assuntos são tratados, mas também, pela metodologia irrepreensível, a estudantes e jovens investigadores que muito beneficiarão com a sua leitura.

Após um prólogo assinado por Manuel Bendala Galán, responsável pelo resgate dos materiais da “Hispanic Society of America” enquanto investigador principal do projeto que, em 2002, despoletou o seu estudo, segue-se uma introdução dos autores. Entramos depois nas cinco partes em que se estrutura o livro: *Historiografía, Tumbas y Ritos, Estudio de los Materiales Arqueológicos, Estudios Analíticos, Conclusiones*. A estrutura, com as partes perfeitamente articuladas entre si, é um dos pontos fortes desta volumosa obra (931 pp., incluindo a bibliografia), conferindo-lhe assinalável coerência. Ainda assim, um capítulo específico de recorte mais teórico sobre a morte não teria sido despropositado, mas de modo algum crucial.

O livro inicia-se propriamente com um estudo historiográfico da responsabilidade de J. Maier. Profundo conhecedor do nosso protagonista e socorrendo-se de inúmeras notas manuscritas, de fotografias e croquis de campo, Maier debruça-se sobre a prática investigativa de Bonsor e também na repercussão da mesma nas gerações vindouras de investigadores. A centenária historiografia da necrópole de Cruz del Negro é dissecada nas suas principais vertentes, conduzindo-nos até às mais recentes perspetivas, não isentas de polémica, sobre a sua dimensão “tartéssica”, ou o seu lado (e tempo) “orientalizante”, termo que se considera dever ser matizado (p. 61), não obstante o epíteto figurar no título do livro.

Paralelamente, o autor não prescinde do importante epistolário de Jorge Bonsor que havia já estudado (MAIER, 1999), mas agora também com cartas inéditas (v.g. p. 43), onde é manifesta por exemplo, a preocupação de Bonsor relativa à suposta natureza “celto-púnica” da necrópole que acabou por ter como a correta. Neste seguimento, e como é assinalado (pp. 36-37), Bonsor procurou

apoio opinativo em António dos Santos Rocha (1853-1910), do qual resultou a troca entre ambos de, pelo menos, 15 missivas entre 19 de janeiro de 1901 e 4 de setembro de 1908. Destaco também aqui o seu nome, porque a permuta científica foi reciproca entre dois investigadores que, sem dúvida, se respeitavam.

Santos Rocha vinha então escavando Santa Olaia, na foz do Mondego, o primeiro sítio de matriz fenícia identificado em Portugal. Conhecedor do trabalho de Bonsor, de quem recebera autografado o livro *Les Colonies Agricoles Pré-Romaines de la Vallée du Bétis*, solicitou em 1901, com êxito e para comparação, algumas amostras de cerâmicas de Cruz del Negro e de Acebuchal. Hoje, podem observar-se na “vitrina J” da Sala de Comparação (atualmente na Reserva de Etnografia) do Museu Municipal Santos Rocha (Figueira da Foz), espelhando o interesse que levou o arqueólogo figueirense também a visitar Bonsor em abril de 1905, conforme se depreende da missiva de 26 de maio em que agradece a hospitalidade (FERREIRA, PEREIRA e VILAÇA, em preparação).

O contributo de Maier prossegue na Segunda parte do livro onde se procura reconstituir as escavações desenvolvidas entre 1898 e 1905. A identificação das sepulturas (38 só no período de 1900-1905), dos rituais e dos materiais associados, mesmo atendendo aos constrangimentos existentes face às exigências dos paradigmas modernos da arqueologia, apoia-se num minucioso trabalho de arquivo, numa espécie de “escavação invertida”, cotejando *libretas* e diários de campo, desenhos, esboços comentados. Não são de menor valor as correlações proporcionadas por este exercício na identificação de muitos dos objetos depois estudados nos capítulos sobre os materiais.

Mas antes, como foi já aludido, um outro capítulo é dedicado ao estudo das sepulturas. Jiménez Ávila e Mederos Martín elaboraram uma síntese interpretativa sobre a tipologia dos monumentos, as modalidades de tratamento dos corpos e respetivos rituais (cremações em fossa com urna, cremações primárias diretas em fossas retangulares, e inumações, neste caso uma minoria), sendo de relevar a coexistência dos dois rituais nesta que é uma das maiores necrópoles “orientalizantes” ou “tartéssicas”. Desde 1869 até à atualidade, terão sido destruídos mais de 400 túmulos, tendo sido escavados cerca de 300 (p. 102, 139). A organização interna da necrópole e a espacialidade relativa das diversas sepulturas entre si é uma das vertentes praticamente desconhecida pela ausência de registos. Por outro lado, no estudo da composição dos espólios funerários, constatou-se que, no conjunto e com raras exceções, os túmulos se pautam por modesta acumulação de riqueza, pela austeridade, permitindo falar até numa “certa isonomia” entre eles (p. 140).

De seguida, a Terceira parte, com mais de 600 pp., comprehende os capítulos dedicados ao estudo dos materiais (séc. VIII-VI a.C.) sistematizados em 20 grupos. Evidentemente, a maioria recai sobre as cerâmicas, a torno e manuais: urnas Cruz del Negro, vasos à *chardon*, ânforas fenícias, cerâmica de engobe vermelho (pratos, taças, jarros de boca de seta, queima-perfumes), lucernas, unguentários, cerâmica cinzenta, cerâmicas pintadas tipo Carambolo e tipo Medellín, cerâmicas incisas (especialmente interessantes as que ostentam

tam motivos “orientalizantes”); osso e marfim (com sugestiva e muito rica iconografia de matriz fenícia); escaravelhos, ovos de avestruz e alabastros; ourivesaria (ouro e prata), com 25 peças inéditas, na generalidade de baixa gama e de fabricos possivelmente locais (p. 539); bronzes, sendo de relevante, pela raridade em contextos funerários culturalmente afins de Cruz del Negro, a permanência de bronzes de tradição atlântica, como lanças (pontas e conteiras) e curiosamente replicados em peças de ferro (p. 555, 691). O predomínio incide sobre elementos de cuidado e ornamentação do corpo/ vestuário, como fechos de cinturão, fibulas e braceletes, nomeadamente “acorazonados”, cujo mapa de distribuição (p. 601) poderia ter considerado na fachada atlântica a linha do Mondego com os exemplares de Santa Olaia e Chões recentemente reinterpretados (VILAÇA *et al.*, 2022: 50, fig. 17); a análise contempla ainda outros materiais de bronze e ferro, seguidos pelos de vidro, cornalina, etc. Não foram ignorados alguns materiais de época romana.

Para o estudo de cada categoria são contempladas distintas vertentes, desde a mais descriptiva sobre a morfologia à funcionalidade, desde a cronologia à distribuição geográfica/ contextual no aro peninsular e circun-mediterrâneo (quando se aplica), a que se segue o respetivo catálogo temático, com cada peça acompanhada de desenho e fotografia. O estudo reúne por fim alguns materiais de procedência incerta, mas que é admissível atribuir a Cruz del Negro.

A Quarta parte engloba os contributos arqueométricos da responsabilidade de reconhecidos especialistas: Victoria Peña Romo, que se responsabilizou pelo estudo dos restos humanos numa perspetiva bioantropológica (onde se reconheceram restos de fauna cremados); de Michal Krueger, que fez análise espectrométrica a urnas tipo Cruz del Negro (com a sugestiva probabilidade de uma oficina em Carmona); de Dirk Brandherm, que se ocupou dos meandros das datações de Carbono 14, impotentes (pela chamada “meseta de Hallstatt”) para irem muito mais além em termos de precisão das cronologias já apontadas pelos materiais; de Ignacio Montero Ruiz que atendeu, com as limitações de correntes da coleção, à caracterização química de algumas das peças de bronze.

Chegamos finalmente à Quinta parte, intitulada “conclusões”, mas que é, de facto, muito mais do que isso. Com efeito, neste importante capítulo os dados são discutidos exaustivamente de forma integrada, pelo que nem ficaria mal o livro terminar com um capítulo, breve e derradeiro, esse sim com telegráficas notas conclusivas.

Um apêndice sintetiza o historial da investigação sobre a necrópole entre os séculos XIX e XXI, seguindo-se mais de cinquenta páginas de bibliografia.

Em síntese, um livro sobre uma necrópole da I Idade do Ferro cuja denominação entrou de há muito no léxico classificativo de um dos mais paradigmáticos tipos cerâmicos, as “urnas de tipo Cruz del Negro”. Com esta obra revela-se pela primeira vez a suma importância da necrópole, cuja moldura cultural tem a “marca de água” da agência das comunidades indígenas enquanto devedoras da presença/ influência fenícia, partes envolvidas num processo dinâmico em plena e acelerada transformação.

**Bibliografia**

- FERREIRA, A. M.; PEREIRA, E.; VILAÇA, R. (em preparação) – Explorando salas de comparação em museus de arqueologia. O caso do Museu Municipal da Figueira da Foz em finais de oitocentos, *Comunicação apresentada no Encontro Internacional TRANSMAT – Documentar Coleções Não-Europeias*, Lisboa: Museu Nacional de Etnologia (22 e 23 de junho de 2023).
- MAYER, J. (1999) – *Epistolario de Jorge Bonsor (1886-1930)*, Madrid: Real Academia de la Historia. Estúdios, 6.
- VILAÇA, R.; Cardoso, J.L.; SILVA, A.M.; ALMEIDA, S. (2022) – *A Gruta do Medronhal (Condeixa-a-Nova) no contexto do povoamento do Baixo Mondego de início do I milénio a.C.*, Coimbra: Instituto de Arqueologia da FLUC, Município de Condeixa-a-Nova, “Conimbriga Anexos 8”.

RAQUEL VILAÇA  
Universidade de Coimbra, CEAACP,  
Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia  
rvilaca@fl.uc.pt  
<https://orcid.org/0000-0003-0019-7256>

